

FUNÇÕES DA INTERTEXTUALIDADE E DA LATINIDADE EM CLAUDE SIMON

INTERTEXTUALITY AND LATINITY FUNCTIONS IN CLAUDE SIMON

Daniel Falkemback Ribeiro*

RESUMO: Este artigo analisa as relações intertextuais no romance de Claude Simon, em especial, *La bataille de Pharsale* (1969), de Claude Simon, quanto à presença do intertexto latino. Desde seu título, que remete ao combate final da Segunda Guerra Civil Romana (49-45 a.C.), temos essa indicação. Ao longo do romance, também temos excertos em latim inseridos em diversos pontos, além de outras citações marcadas graficamente vindas da cultura francesa. Desse modo, o texto latino se torna parte do texto francês, não pelo critério linguístico, mas pelo literário. Nos termos de Gérard Genette, em *Palimpsestes*, há a possibilidade de se dizer que obras como a de César ou a de Lucano são hipotextos para um hipertexto. A presença desse intertexto latino não parece atuar como mera citação, como no caso das passagens de César, mas também como meio para a construção de uma narrativa inovadora por uma nova relação temporal.

PALAVRAS-CHAVE: Claude Simon. Intertextualidade. Latinidade. Memória.

ABSTRACT: This article analyzes the intertextual relations in Claude Simon's novel, especially *La bataille de Pharsale* (1969), regarding the presence of the Latin intertext. Since its title, which refers to the final combat of the Second Roman Civil War (49-45 b.C) there are indications of this. Throughout the novel, there are also excerpts in Latin in addition to other graphically marked quotations from the French culture. Thus, the Latin text becomes part of the French text not by the linguistic aspect, but by the literary criteria. According to Gérard Genette's *Palimpsestes*, there is also the possibility of saying that works like Caesar's or Lucan's are hypotexts for a hypertext. The presence of this Latin intertext does not seem to be just a quotation, as on Caesar's passages, but because it seems to act like a way of production of a new narrative by a new temporal relation.

KEYWORDS: Claude Simon. Intertextuality. Latinity. Memory.

* Mestrando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: danielfalkem@gmail.com.

Ainda na década de 1950, Claude Simon já era conhecido por sua relação com o chamado *nouveau roman*. Sua participação nesse “movimento” literário não foi questionada pela maioria dos críticos que tentaram estabelecer quais seriam seus integrantes (cf. BAQUÉ, 1972; NITRINI, 1987; PERRONE-MOISÉS, 1966; RICARDOU, 1973), porém fica claro para todos que não há homogeneidade na produção dos *nouveaux romanciers* ou um projeto comum. Leyla Perrone-Moisés (1966), ao tratar desse período literário, afirma que se pode chamar de *nouveau roman* apenas a obra de alguns, como Butor e Robbe-Grillet, ou expandir o conceito para outros autores da década de 1950 em diante, incluindo num momento primário da crítica autores bem distintos entre si, como Samuel Beckett e Marguerite Duras. Há uma razão simples para isso: a autora se propõe explorar mais a obra de escritores mais enquadrados no movimento e apenas mencionar outros cuja produção é similar.

Como pode se perceber, sempre foi difícil entender exatamente o que define esse “movimento” literário e as relações que aproximam todos esses autores. Realidade e verdade, conceitos da crítica tradicionais, são elementos de apreensão distinta para a crítica do *nouveau roman*, já que para os três autores analisados vale a seguinte afirmação: “*le vrai, le faux et le faire croire sont devenus plus ou moins le sujet de toute oeuvre moderne*” (ROBBE-GRILLET, 1963,

p. 129). Como se percebe, a descrição aqui não deve fornecer experiências compatíveis com a nossa vida, como se pensava no século XIX, nem deve mostrar em alguma “profundidade” das personagens a verdade do que é retratado. Só existem as possibilidades que esse “novo realismo” quer nos oferecer. Evitando-se qualquer “profundidade”, a descrição superficial dos objetos e das personagens permite inclusive que as personagens dos romances possam ser elas mesmas, ricas em interpretações possíveis (ROBBE-GRILLET, 1963, p. 20). O romance moderno aqui aparece como um jogo intenso entre o objetivo e o subjetivo, que representa uma realidade que pode ser múltipla em suas possibilidades.

Antes de se pensar o romance de Claude Simon, é preciso retomar algumas das visões sobre a literatura presentes na crítica do *nouveau roman*, especialmente nos ensaios de Alain Robbe-Grillet e Michel Butor. Para entender esse “novo romance” que surgiu após as vanguardas modernistas, é necessário também buscar as razões estéticas para a constituição de sua narrativa. É claro que o objetivo não é simplesmente aceitar sem questionamento algum as suas premissas e conclusões e apenas aplicá-las na análise das obras literárias, mas sim levar em consideração a reflexão crítica feita pelos dois autores sobre o romance moderno como um todo, como em *Pour un nouveau roman* (1963) e *Répertoire* (1960).

A descrição na narrativa é um tópico recorrente nas suas reflexões por ver nela a matéria principal do romance escrito em sua época, algo que certamente não era novidade para a literatura. O próprio

¹ “O verdadeiro, o falso e o fazer acreditar se tornaram, de certo modo, o sujeito de toda obra moderna.” Todas as traduções são do autor deste artigo, exceto quando indicado.

autor tinha consciência disso, senão não poderia dizer que, em Flaubert e Kafka, por exemplo, “*cette passion de décrire, qui tous deux les anime, c’est bien elle que l’on retrouve dans le nouveau roman d’aujourd’hui*”² (ROBBE-GRILLET, 1963, p. 13). O que se quer dizer com “paixão por descrever”? Para Robbe-Grillet, há a necessidade para o romance moderno de se depurar de toda a carga simbólica previamente estabelecida para os objetos para assim descrevê-los como eles estão ali, não sendo uma descrição baseada em alusões.

Essa “depuração” e essa busca pela descrição são fundamentais para o *nouveau roman* para tentar alcançar um “novo realismo”. Michel Butor, no seu ensaio “*Le roman comme recherche*” (“O romance como pesquisa”, do volume I de seu *Répertoire*), afirma que “*le roman est une forme particulière du récit (...) [et] il est un des constituants essentiels de notre appréhension de la réalité*”³ (BUTOR, 1960, p. 7). Sendo um meio essencial de compreensão da realidade, o romance não pode ser só uma forma sem sentido algum, “desumanizadora”, já que a nossa realidade é humana, não puramente objetiva. Além do romance moderno não ser só forma, ele também é uma maneira de entendimento da realidade especial, já que é “uma forma particular da narrativa”. A afirmação de Butor de que “*le roman est le laboratoire du récit*”⁴ (BUTOR, 1960, p. 8) também entra

em consonância com essa ideia, já que o romance é uma forma particular da narrativa justamente porque é uma forma de pesquisa de toda a narrativa, de todo o discurso humano, não só do literário.

Essa pesquisa romanesca empreendida tanto por Butor quanto por Robbe-Grillet também está presente na obra de Simon, especialmente quanto à busca por uma nova compreensão da realidade através de uma exploração de possibilidades (PERRONE-MOISÉS, 1966, p.19), preocupação intimamente ligada com uma visão fenomenológica do mundo. Os autores buscam concretizar essa pesquisa pela contestação da narrativa em vez de uma “euforia do ato de narrar” (RICARDOU, 1973, p. 29-31), priorizando a descrição do objeto em detrimento da narração mimética.

No caso de Simon, a procura pela indefinição da personagem, do narrador e do tempo em suas obras parece atingir o ápice em *La bataille de Pharsale* (BAQUÉ, 1972, p. 96), como se essa obra fosse o resultado máximo de uma evolução vinda desde romances como *Le palace* (1962). O autor seguiu uma evolução romanesca, portanto, sob a perspectiva do romance como “laboratório da narrativa” sob a égide da descrição. Com base nessa ideia, o tempo do romance se torna um tempo próprio, da imaginação, da memória, que se define pelas possibilidades de compreensão de um acontecimento sob uma ótica que não se nega como subjetiva.

² “Essa paixão por descrever que anima ambos [Flaubert e Kafka] é a que encontramos no novo romance de hoje.”

³ “O romance é uma forma particular da narrativa (...) [e] ele é um dos constituintes essenciais de nossa apreensão da realidade.”

⁴ “O romance é o laboratório da narrativa.”

O ROMANCE COMO LABORATÓRIO ESPAÇO-TEMPORAL

Michael Riffaterre (1988) se pergunta como um romancista pode chamar a

atenção do leitor para um texto sem intriga, cuja cronologia se torna confusa. Esse é um questionamento legítimo ao pensarmos na reação de algum leitor francês da época da recepção do *nouveau roman*. A construção desse texto se mantém literária por seu objetivo de redefinir a literatura para além da simbologia posta pelo romance burguês.

O tempo em Simon, definido como confuso por Riffaterre, também se distingue da linearidade que os críticos tradicionais almejavam (PERRONE-MOISÉS, 1966). A dispersão do enredo nos faz questionar sob que parâmetro é definida a temporalidade do romance. Segundo Riffaterre (1988, p. 712), o texto simoniano se baseia principalmente no intertexto, não mais no contexto, de modo a tornar “incompatíveis” quaisquer formas miméticas ou referenciais. A ausência de progressão narrativa talvez não anule por completo a mimese, porém certamente ela não é a responsável pela configuração do espaço e do tempo em *La bataille de Pharsale*.

Há, por exemplo, no segundo capítulo do romance (“*Lexique*”), uma divisão em seções que não possuem relação de progressão narrativa entre si, mas sim um desenvolvimento de temas postos no primeiro capítulo (“*Achille immobile à grand pas*”), em que um narrador indefinido parece buscar o local da batalha de Farsália, ou ainda o espaços da história, da memória coletiva. Desse modo, essas seções, cujos nomes evidenciam as relações com os *topoi* clássicos presentes na obra (“*Bataille*”, “*Cesar*”, “*Guerrier*”, “*Voyage*”), retiram do leitor a possibilidade de estabelecer uma linearidade dessa narração a fim de se explorar alguns tópicos constantes da memória desse narrador.

Esse “léxico” é, na verdade, uma exploração intertextual e intratextual de temas centrais da obra, sendo uma sistematização do primeiro capítulo e uma abertura para uma conclusão, que seria o terceiro e último capítulo (“*Chronologie des événements*”). Apesar da intenção de ser uma “cronologia dos acontecimentos”, esse capítulo ainda não se aproxima do que seria uma estrutura linear do tempo, sendo uma reorganização de cenas de acordo com os pontos abordados anteriormente. A estrutura desse romance é, acima de tudo, uma pesquisa intertextual do espaço e do tempo da criação literária, mais precisamente, da (re)escritura, objetivo esse que deslegitima qualquer tentativa de organizar a obra de acordo com uma cronologia estabelecida socialmente. A história da cultura (especialmente da literatura) de uma perspectiva não-linear é a responsável pela organização do tempo do romance.

Considerando-se o reforço do intertexto em detrimento do contexto cultural, pode-se perguntar a que cultura uma obra de ruptura como *La bataille de Pharsale* se refere. Sob esse pensamento, Lucien Dällenbach se questiona legitimamente se é possível existir uma literatura pós-guerra, “pós-cultural”, considerando-se “cultura” no seu sentido humanista (DÄLLENBACH, 1988, p. 11), considerando-se que os *nouveaux romanciers* são basicamente escritores, cuja produção se estabeleceu após a Segunda Guerra Mundial em um momento de questionamento sobre a ordem mundial e a razão que a ditava. É fato que uma das características principais do *nouveau roman* desde seu princípio, com os primeiros textos

de Nathalie Sarraute, é lidar com o *nonsense*, assim como Samuel Beckett (daí a razão de alguns críticos situarem sua trilogia francesa em meio ao *nouveau roman*).

O humanismo burguês, razão de todo o combate da Segunda Guerra Mundial, é contestado em sua formatação por esses autores, que questionam a partir de uma perspectiva fenomenológica qual seria a nossa percepção sobre o mundo para além de um idealismo. Ao abdicar do calendário, da cronologia determinada pelo Estado para criar uma narrativa, Simon demonstra que almeja um novo realismo nos mesmos termos já descritos de Robbe-Grillet. No caso de *La bataille de Pharsale*, o tempo do romance se constrói a partir do texto, do intertexto, bem como da leitura que dele é feita, afinal “*l’oeuvre est pour nous sans contingence, et c’est même peut-être ce qui la définit le mieux*” (BARTHES, 1966, p. 54).

Ainda resta verificar se essa intertextualidade do romance simoniano se impõe sobre qualquer contexto de modo total ou apenas parcial. A presença do intertexto como determinante da construção textual não é algo novo; observa-se facilmente que desde a Antiguidade toda obra literária é uma revisão da tradição anterior. O que se nota é que esse intertexto torna-se o recurso maior de constituição do romance de Simon, a partir da segunda metade da década de 1960 como uma revisão do *nouveau roman* (DÄLLENBACH, 1977, p. 203). Desde então, a escritura simoniana parece se aproximar de uma visão mais hermenêutica do mundo, fundamentando-se em um processo de

compreensão baseado em significantes, cujos significados são subvertidos a todo tempo. A intertextualidade, nesse sentido, chama a atenção do leitor para que ele reflita sobre o texto literário como um mundo em construção:

L’intertextualité permet une réflexion sur le texte, placé ainsi dans une double perspective : relationnelle (échanges entre les textes) et transformationnelle (modification réciproque des textes qui se trouvent dans cette relation d’échange).⁶
(SAMOYAUULT, 2012, p. 49)

Essa perspectiva de trocas textuais que criam uma memória da literatura, conceito adequado para se tratar do tempo no romance, especialmente do objeto deste estudo, traz à tona consigo a noção de que todo texto literário é uma obra inacabada. A abertura dialógica que a intertextualidade da escrita oferece só se concretiza pelo fato de que uma palavra leva a outra não necessariamente presente no mesmo texto (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 81). *La bataille de Pharsale*, portanto, se constitui como obra literária com base na memória da literatura, na relação com a tradição de igual para igual sem qualquer noção de “superioridade” que poderia existir em uma orientação crítica que apenas descrevesse as relações intertextuais como “imitação” de um modelo ou sua “paródia ridicularizante” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 63). O romance de Simon dialoga com a

⁵ “A obra nos é ilimitada, e talvez seja isso que a define melhor.”

⁶ “A intertextualidade permite uma reflexão sobre o texto, colocado, assim, em uma dupla perspectiva: relacional (trocas entre os textos) e transformacional (modificação recíproca dos textos que se encontram nessa relação de troca).”

literatura clássica e busca reescrevê-la de diversas maneiras sob os termos postos pela modernidade.

A INTERTEXTUALIDADE E A LATINIDADE NA PRODUÇÃO DO ROMANCE

A intertextualidade com recurso comum da literatura, portanto, é desconstruída em *La bataille de Pharsale* pela economia da escrita lacunar, pelos fragmentos que formam uma unidade (JENNY, 1979, p. 26-27). Se se pensar sob essa perspectiva, define-se um princípio de organização do texto: a intertextualidade dos fragmentos – mais precisamente, entre eles e outros textos e entre si. No texto de Simon, aparentemente, a prática da escritura é a teoria para sua formação, que engloba também o contexto, porém não se deixa ser constituída somente por ele. Especialmente a partir de *Histoire*, o romance simoniano se constrói como inventário de romances precedentes (BEKHEDJA, 2008, p. 223) na medida em que retoma temáticas neles presentes e as reinventa em um novo texto. Michel Bertrand, ao tentar compreender o romance de Simon a partir de *Histoire* como ponto de inflexão, afirma o seguinte:

Donc, et ce dès La bataille de Pharsale, Claude Simon respecte la charte du genre romanesque mais transforme radicalement sa finalité : la fiction demeure le centre de l'activité textuelle et procède, non de la traduction scripturale d'un donné préétabli, mais de la génération du texte par lui-même. L'écriture scripturale remplace une esthétique de la reproduction

*par une pratique de la production.*⁷
(BERTRAND, 1987, p. 61)

A presença da epígrafe, como a do *Cimitière marin*, de Paul Valéry, no primeiro capítulo, que fornece também seu título, é um exemplo dessa atividade textual a partir da própria prática. Esse intertexto inicial, aparentemente desconexo da temática da obra a não ser pela referência a Aquiles, ligado à Antiguidade Clássica, se torna um gerador (*générateur*) textual na medida em que orienta todas formas de intertextualidade existentes no capítulo (RICARDOU, 1971, p. 124-125). Dessa maneira, observa-se que a “prática da produção” mencionada por Michel Bertrand realmente ocorre por meio da transformação do cânone e da realidade estabelecida, não por sua reprodução, atitude essa que faz parte dos preceitos presentes em ensaios de outros autores do *nouveau roman*.

A presença perceptível da latinidade na obra de Simon é atestada por diversos críticos desde Lucien Dällenbach (1988), que também nota a ascensão desse intertexto latino com a evolução da experimentação romanesca do autor. A partir de *Histoire* (1967), seu romance no qual a obra de César é certamente o intertexto mais evidente, temos um período de consolidação da desconstrução narrativa que Simon empreende em nome de uma forma, cujo tempo não corresponde

⁷“A partir de *La bataille de Pharsale*, portanto, Claude Simon atende à cartilha do gênero romanesco, mas transforma radicalmente sua finalidade: a ficção permanece como centro da atividade textual e se baseia não na tradução escrita de um dado estabelecido, mas da geração do texto por si mesmo. A escritura escrita substitui uma estética da reprodução por uma prática da produção.”

mais à linearidade do discurso da narração “tradicional”. Essa “tradição”, para os críticos iniciais do *nouveau roman*, se refere, em essência, ao romance realista burguês do século XIX.

A estrutura fragmentária de *La bataille de Pharsale* é, na maior parte dos casos, percebida pela leitura transcorrida do texto bem como visualmente. Uma série de trechos são destacados do resto pelo uso do itálico, que lhes dá a aparência de citação. O intertexto latino já está presente desde o título da obra que, por si só, já faz parte do texto por ser responsável por direcionar sua leitura (COMPAGNON, 1996). O *topos* da guerra (“batalha” no título) nos remete imediatamente a toda literatura que aborda processos de conquista e firmamento territorial desde a Antiguidade pela épica, ainda mais por ser a Batalha de Farsália, marco histórico romano. Uma das primeiras passagens em que o intertexto latino reaparece com destaque está no primeiro capítulo, cujo objetivo é nos apresentar as temáticas da obra, sistematizadas no “léxico” que é o segundo capítulo. César, já presente em *Histoire*, aparece sob a forma de seus *commentarii* sobre a Guerra da Gália e a mencionada Guerra Civil:

Versions latines dont j'ânonnais le mot à mot comme une écoeurante bouillie jusqu'à ce que de guerre lasse il finisse par me prendre le livre des mains et traduire lui-même

*César la Guerre de Gaules la Guerre Civile*⁸ *s'enfonçant dans la bouche*

⁸ No texto original, publicado pelas Éditions de Minuit, há um símbolo gráfico que representa uma flecha, em vez do sinal “>”, aqui utilizado por questão prática. Em

*ouverte clouant la langue de ce. Latin langue morte.*⁹ (SIMON, 1969, p. 17-18)

Nota-se como a apropriação da tradição clássica nos tempos modernos é feita pela tradução (“*versions latines*”), que será constantemente simulada ao longo de *La bataille de Pharsale* por exercícios de aprendizagem, como os feitos pelo tio Charles em *Histoire* a partir das mesmas obras de César. Essa ligação com outro romance do próprio Simon reforça a dupla função da intertextualidade em seus textos, como relação e como transformação (DÄLLENBACH, 1988, p. 28; SYKES, 1979, p. 126). O narrador em primeira pessoa afirma que seu trabalho de tradução foi tomada por “ele”, figura mais velha, como se percebe em seguida na leitura, que realiza a versão da “guerra” que o cansa; pela ambiguidade, essa guerra pode ser tanto aquela narrada por César quanto, em sentido figurado, a dificuldade do jovem aprendiz para entender a língua, bem como para acessar uma cultura distante da sua.

Ainda no primeiro capítulo, há outro exemplo de inserções textuais em itálico cujo discurso destoa claramente da narrativa anterior da viagem do narrador-

alguns momentos do primeiro capítulo do romance, alguns signos são também representados sob desenhos inseridos no texto que, posteriormente, são abandonados em nome de um O, significante próprio do texto de Simon, cujo significado a todo tempo é alterado, mas que a princípio quer “*repandre à zero*” (SIMON, 1969, p. 181), ou seja, “retornar ao zero”.

⁹ “Versões latinas que eu gaguejava palavra por palavra como uma algaravia repelente até que já farto de guerra ele acabe por me tomar o livro das mãos e traduzir ele próprio César A Guerra das Gálias A Guerra Civil > se introduzindo na boca aberta pregando a língua desse. Latim língua morta.” (SIMON, 1990, p. 11) Todas as citações de Simon disponíveis em português neste artigo foram retiradas da tradução de Maria Lúcia Autran Dourado.

personagem com seu amigo Nikos pelas proximidades do Monte Krindir. A todo tempo o narrador tenta achar ali os locais, os movimentos feitos pelos antigos na guerra, como se buscasse uma Grécia antiga na modernidade. Em um desses momentos do primeiro capítulo, lê-se isto:

(...) *flanqué par les 6000 cavaliers de Labiénus et renforcé par des troupes légères Ensuite s'alignaient les légions de Domitius Ahenobarbus Scipion et Lentulus celui-ci à l'aile droite flanqué du reste de la cavalerie César se tenait en face de Pompée à son aile droite renforcée par une troupe de 1800 légionnaires d'élite disposés obliquement en arrière de la ligne et cachés derrière un rideau de 1000 cavaliers Ensuite s'alignaient les légions de Publius Sylla Cnaeus Domitius et Marc Antoine celui-ci à l'aile g. en face de*
commemoravit : il rappela
uti posse : pouvoir prendre (qu'il pouvait prendre)
testibus se militibus : à témoin ses soldats
quanto studio : avec combien d'ardeur (de l'ardeur avec laquelle)
*pacem petisset : il avait demandé la paix*¹⁰ (SIMON, 1969, p. 43, itálico original)

¹⁰ (...) *flanqueado pelos 6000 cavaleiros de Labieno e reforçado por tropas ligeiras Em seguida se alinhavam as legiões de Domício Ahenobarbo Cipião e Léntulo este na ala direita flanqueado pelo restante da cavalaria César se mantinha em frente de Pompeu com sua ala direita reforçada por um tropa de 1800 legionários de elite dispostos obliquamente atrás da linha e escondidos por detrás de uma cortina de 1000 cavaleiros Em seguida se alinhavam as legiões de Publio Sylla Cneo Domício e Marco Antônio este na ala esq. em frente de*
commemoravit: ele se lembrou
uti posse: poder tomar (que ele podia tomar)
testibus se militibus: como testemunhas seus soldados
quanto studio: com quanto ardor (ardor com o qual)
pacem petisset: ele havia pedido a paz” (SIMON, 1990, p. 31)

Evidentemente, vê-se uma retomada do exercício de tradução de algum texto latino, novamente de César, de seus *commentarii* sobre a Guerra Civil. Os números da guerra são intercalados por metáforas que definem a literariedade da prosa do antigo imperador romano. Esse trecho dialoga diretamente com outras passagens vindas, desta vez, do *Bellum ciuile* de César, narrativa que o sucede cronologicamente e se inventa a partir dele como contraposição política a um tempo que César quer superar em seu governo (HENDERSON, 1998, p. 37-38). Em seguida ao trecho, há fragmentos em latim seguidos de possíveis traduções, possivelmente aludindo à versão que é construída em conjunto com a figura do tio. Dentro da tradição romana, aqui é alguém mais velho, um mestre, quem guia individualmente o mais novo, seu discípulo, por um cânone.

A latinidade em Simon nos parece, assim, se criar a partir da alteridade, da percepção do mundo de um viés fenomenológico, como na discussão sobre a arbitrariedade de descrição de uma colina qualquer, no primeiro capítulo de *La bataille de Pharsale*, que se inicia pelo fato de que nunca sabemos como as coisas são ou como se deram os acontecimentos (SIMON, 1969, p. 88-89). Em seguida, essa concepção é posta em dúvida em nome de um suposto fato de que todos decidem o que querem ver. Apesar dessa constatação, o narrador continua a tentar descobrir em sua viagem qual é o espaço em que se ambientaram os combates da guerra civil. Trata-se de uma tentativa árdua de se recuperar essa experiência por meio do texto, o que o caracteriza como

uma procura por um tempo fenomenológico (MAHRER; WISER, 2007, p. 222).

Ainda quanto à presença da latinidade no romance de Simon, percebe-se que a recuperação dos *topoi* da guerra civil e da viagem compõe uma intertextualidade que dialoga com a tradição da *imitatio* latina. Até mesmo a *Eneida*, de Virgílio, se afirma claramente como “literatura de segundo grau”, no sentido de Genette, já que a intertextualidade é uma característica da tradição literária romana, sendo o intertexto grego o mais comum (VASCONCELOS, 2001, p. 13-15). Ao construir sua obra baseada no princípio do intertexto para “desintegração da narrativa” (JENNY, 1979, p. 28-29), Simon, ao mesmo tempo, se aproxima do pensamento literário da Antiguidade Clássica, mas não só por isso.

César e Lucano, supostos hipotextos de *La bataille de Pharsale*, compõem suas obras já citadas com a noção de que estão ligados a uma tradição anterior grega e até mesmo latina. César faz isso ao buscar por seu ponto de vista elaborar uma historiografia, assim subvertendo a estrutura estabelecida por autores como Políbio e Xenofonte pelo aspecto autobiográfico, ainda que não se distancie do procedimento de seleção de fatos utilizado por seus anteriores (LAISTNER, 1947, p. 37). Mais declaradamente, Lucano se apropria da evolução da poesia épica bem como da historiografia romana, inclusive César, para reelaborar essas formas na *Farsália*, texto já chamado de “antiépico” em relação à *Eneida*, *magnum opus* do autor no cânone literário romano (HARDIE, 2013, p. 227).

Essa retomada da “latinidade” pela escritura e pelas imagens parece se tornar extrema em *La bataille de Pharsale* através de uma viagem, de um percurso que tenta a todo tempo recuperar aquele da guerra civil intercalado por citações de César, referências a Proust (no caso, *À la recherche du temps perdu*), a guias turísticos genéricos, a gritos de manifestações, possivelmente estudantes do Maio de 1968, e à própria tradição clássica, incluso até mesmo aí Apuleio, que apareceria como representante do romance antigo (ROSSUM-GUYON, 1997, p. 123). A linguagem da história, portanto, parece levar à produção de uma linguagem da literatura com a meta de fornecer ao leitor a *experiência indireta da guerra* (SYKES, 1979, p. 145). A relação da experiência direta, biográfica, com a guerra se faz também pela variedade de discursos, numa espécie de sequência argumentativa, na qual Lucano e Plutarco são eventualmente citados:

Après quoi chacun des fantômes sort du bureau et O. fait une croix en face d'un nom sur une liste.

... primus ex dextro cornu procurrit – o primeiro arremessou-se da ala direta – atque eum electi milites circiter centum et viginti voluntarii ejusdem centuriae sunt prosecuti- et cent vingt soldats d'élite, volontaires de la même centurie, se précipitèrent à sa suite / Plutarque et Lucain confirment le fait; cf. Plutarque, Cés., XLIV; Pomp., LXXI : « Le premier, Crastinus, s'élançe au pas du course, entraînant derrière lui les cent vingt hommes qu'il commandait » ; et Lucain, Phars., VII, 470-473 : « Puissent les dieux te donner non pas la mort, qui est le châtement réservé à tous, mais, après ton destin fatal, le

sentiment de ta mort, Crastinus, toi, dont la main brandit la lance qui engagea le combat et la première teignit la Thessalie de sang romain !¹¹ (SIMON, 1969, p. 235)

É possível notar nessa passagem, bem como em outras de *La bataille de Pharsale*, como a ligação da narrativa com a história se faz por meio da memória coletiva em suas possibilidades de apreensão da realidade, incluso aí o filtro da experiência biográfica, do estudo da cultura latina com o tio-mestre. A busca por variedade argumentativa a fim de comprovar sua própria tradução (e também, é claro, interpretação) do texto de César fornece ao leitor também a possibilidade de ler outros relatos sobre um acontecimento histórico, no caso a partir de um biógrafo, Plutarco, e um poeta épico, Lucano. Nesse sentido, o romance de Simon se aproxima novamente da noção de realidade subjetiva de Robbe-Grillet, além de investir na pesquisa romanesca pela apropriação de elementos textuais diversos.

¹¹ “Logo em seguida cada um dos fantasmas sai do escritório e O. faz uma cruz na frente de um nome numa lista. ... primus ex dextro cornu procurrit – o primeiro arremessou-se da ala direita – ataque eum electi milites circiter centum et viginti voluntarii ejusdem centuriae sunt prosecuti – e centro e vinte soldados de elite, voluntários na mesma centúria, se precipitam atrás dele / Plutarco e Lucano confirmam o fato; cf. Plutarco, Cés., XLIV; Pomp., LXXI: ‘O primeiro, Crastinus, se arremessa com passo acelerado, levando atrás dele os cento e vinte homens que comandava’; e Lucano, Fars., VII, 470-473: ‘Possam os deuses dar-te não a morte, que é o castigo reservado a todos, mas, depois do teu destino fatal, o sentimento da tua morte, Crastinus, tu, cuja mão empunhou a lança que iniciou o combate e a primeira que tingiu a Tessália de sangue romano!’ (...)” (SIMON, 1990, p. 177)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que, para além de um elemento autobiográfico, a presença do intertexto latino parece ter uma função maior e estrutural na obra de Simon, especialmente de *La bataille de Pharsale*. O diálogo se estabelece, acima de tudo, no plano estético, pois Simon se utiliza diversa e extensivamente da tradição clássica para reescrevê-la a seu modo na modernidade, não como simples releitura, mas como elemento constitutivo de um texto novo, seu hipertexto, no sentido de Gérard Genette: “*J’appelle donc hypertexte tout texte dérivé d’un texte antérieur par transformation simple (nous dirons désormais transformation tout court) ou par transformation indirecte: nous dirons imitation*”¹² (1982, p. 16). Segundo Genette, poderíamos dizer, portanto, que o texto simoniano seria uma transformação simples, por não utilizar seu hipotexto sob *imitatio*, mas sim para transformá-lo em parte do próprio texto, não sendo apenas uma citação que se destaca do texto que dela se apropriou, visão essa com a qual Antoine Compagnon (1996) também concorda.

Compreender, assim, a presença do intertexto latino em seus processos e funções na composição da obra literária de Claude Simon, em especial em *La bataille de Pharsale*, é também entender, em partes, o processo de consolidação da épica e da historiografia antigas como hipotextos do romance simoniano, não somente no

¹² “Chamo, então, de hipertexto todo texto derivado de um texto anterior por transformação simples (o que chamaremos de *transformação* apenas) ou por transformação indireta (chamaremos de *imitação*)”.

romance analisado aqui. O termo “modelo” não se aplica nesse caso a não ser no caso de lermos César e Lucano, por exemplo, como pontos de partida para uma transformação do modelo clássico. Como foi dito, a épica de Lucano já é considerada por si só uma forma revolucionária desse gênero, afinal se situa em posição contrária às determinações da poética aristotélica e à prática da épica anterior à sua. César também se destaca da historiografia de sua época por ser objeto de sua própria obra.

Percebe-se, ainda, que a guerra e a viagem, *topoi* da épica antiga, também estão presentes em Simon. Faz-se necessário entender essa retomada de temas tão caros à literatura clássica em um texto experimental, que pretende romper com os pressupostos dos romances burgueses do século XIX e seguir com inovações a partir daquelas feitas pelos modernistas. Esses aspectos vindos de dois autores distintos parecem se encontrar no texto simoniano, que estrutura o espaço e o tempo a partir do intertexto, além de eliminar fronteiras entre ficção e autobiografia. Também se faz necessário entender como o intertexto se mantém como princípio de organização sem eliminar o contexto, apenas tomando seu posto.

A partir da compreensão da função do intertexto latino em *La bataille de Pharsale*, é possível estabelecer como a intertextualidade realmente delimita o direcionamento da escritura de Simon nesse romance bem como em outros do mesmo período. Há muito, em sua obra, da relação do romance do pós-guerra com as formas literárias antigas, para além de uma noção simplista

de “ruptura” totalizante, que pressupõe a formação de uma literatura sem quaisquer bases históricas ou culturais. O “novo realismo” dos *nouveaux romanciers* se deu, acima de tudo, pela transformação da tradição, não por sua eliminação.

REFERÊNCIAS

- BAQUÉ, F. **Le nouveau roman**. Paris : Bordas, 1972. (Bordas-Connaissance)
- BARTHES, R. **Critique et vérité**. Paris: Seuil, 1966. (Tel Quel)
- BEKHEDIDJA, N. La Bataille de Pharsale de Claude Simon: un roman entre appels, rappels et relations. **Synergies**, Algéria, n. 3, p. 219-226, 2008.
- BERTRAND, M. **Langue romanesque et parole scripturale**. Essai sur Claude Simon. Paris: Presses Universitaires de France, 1987. (Littératures modernes)
- BUTOR, M. **Répertoire**. Paris: Minuit, 1960.
- CÉSAR. **Civil wars**. Trad. de A. G. Peskett. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1990.
- COMPAGNON, A. **O trabalho da citação**. Trad. de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- DÄLLENBACH, L. **Claude Simon**. Paris: Seuil, 1988. (Les contemporains)
- _____. **Le récit spéculaire**. *Essai sur la mise en abyme*. Paris: Seuil, 1977. (Poétique)
- GENETTE, G. **Palimpsestes**. La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982. (Poétique)
- HARDIE, P. *Lucan's Bellum Civile*. In: BUCKLEY, E.; DINTER, M. (orgs.). **A Companion to the Neronian Age**. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013. (Blackwell Companions to the Ancient World)

HENDERSON, J. G. W. **Fighting for Rome: poets and Caesars, history and civil war.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

JENNY, L. A estratégia da forma. In: **Intertextualidades.** Trad. de Clara Crabbé Rocha. Lisboa: Livraria Almedina, 1979. (Poétique, n. 27)

LAISTNER, M. L. W. **The greater Roman historians.** Berkeley: University of California, 1847.

LUCANO. **Farsália.** Trad. de Brunno V. G. Vieira. Campinas: Unicamp, 2011. (Lvmína)

MAHRER, R.; WISER, A. La notion de temporalité phénoménologique chez C. F. Ramuz (*Présence de la mort*, 1919) et Claude Simon (*La bataille de Pharsale*, 1969). In: SCHNYDER, P. (org.). **Temps et roman.** Paris: Harmattan, 2007. (Universités)

NITRINI, S. M. **Poéticas em confronto: Nove novena e o Novo Romance.** São Paulo: HUCITEC, 1987.

PERRONE-MOISÉS, L. **O novo romance francês.** São Paulo: São Paulo Editora, 1966. (Buriti; v. 13)

_____. **Texto, crítica, escritura.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RICARDOU, J. **Le nouveau roman.** Paris: Seuil, 1973. (Écrivains de toujours)

_____. **Pour une théorie du nouveau roman.** Paris: Seuil, 1971. (Tel Quel)

RIFFATERRE, M. Orion voyeur: l'écriture intertextuelle de Claude Simon. **MLN**, v. 103, n. 4, p. 701-735, 1988.

ROBBE-GRILLET, A. **Pour un nouveau roman.** Paris: Minuit, 1963.

ROSSUM-GUYON, F. **Le cœur critique.** Butor, Simon, Kristeva, Cixous. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1997. (Interactions; 3)

SAMOYAUULT, T. **L'intertextualité: mémoire de la littérature.** Paris: Armand Colin, 2012.

SIMON, C. **A batalha de Farsália.** Trad. de Maria Lúcia Autran Dourado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **Histoire.** Paris: Minuit, 1967.

_____. **La bataille de Pharsale.** Paris: Minuit, 1969.

SYKES, S. **Les romans de Claude Simon.** Paris: Minuit, 1979. (Arguments)

VASCONCELOS, P. S. **Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio.** São Paulo: Humanitas, 2001.

Recebido para publicação em 20 de maio 2014

Aceito para publicação em 22 de jul. de 2014